

# BB faz auditoria em empréstimos

## Beneficiado com operações era sócio de José Serra num terreno de São Paulo

LEONÊNCIO NOSSA E  
OLÍMPIO CRUZ NETO

BRASÍLIA – O Banco do Brasil confirmou ontem que está fazendo uma auditoria nas operações de empréstimo realizadas em 1993 e 1995 com o empresário Gregorio Marin Preciado. Parente, amigo e ex-sócio de José Serra, Preciado teria obtido um “desconto” de R\$ 73,7 milhões nas dívidas de suas duas empresas – a Aceto Vidros e Cristais Ltda e a Gramafer Comercial Importadora Ltda – em 1995, por intermédio do então diretor do BB, Ricardo Sérgio de Oliveira, ex-arrecadador de fundos para a campanha ao Senado de Serra em 1994. O banco investiga “possíveis irregularidades” na operação, já que as empresas estavam inadimplentes.

Reportagem da *Folha de S. Paulo*, publicada ontem, aponta o ex-diretor como responsável pela ajuda às empresas, que financiaram a campanha de Serra há oito anos. Ex-sócio de Serra num terreno em São Paulo, Preciado foi responsável pela doação de R\$ 87,4 mil à campanha do tucano ao Senado, segundo documentos obtidos pelo **Jornal do Brasil**. A operação que reduziu a dívida das empresas foi montada em 1995. A Gramafer deve

ainda R 3,1 bilhões ao banco.

Documentos do próprio BB revelam que as operações, endossadas por Ricardo Sérgio, foram “heterodoxas” e “atípicas”. Mesmo com dívidas junto ao BB, contraídas em 1993, a Gramafer repassou R\$ 51,5 mil à campanha de Serra, entre 8 e 28 de setembro de 1994. A outra empresa, a Aceto, doou, entre 15 e 30 do mesmo mês, mais R\$ 34,2 mil ao comitê financeiro do candidato a senador. Os dados são do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

A senadora Heloísa Helena (PT-AL) cobrou a presen-

ça de Serra no plenário do Senado para explicar a história. E voltou a pedir investigações por intermédio de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) ou da Comissão de Fiscalização e Controle (CFC) da Casa. Na quarta-feira, a comissão aprovou requerimento para tomar o depoimento de Ricardo Sérgio.

Heloísa Helena quer detalhar a atuação de Ricardo Sérgio na privatização da Companhia Vale do Rio Doce. Ele é suspeito de ter cobrado R\$ 15 milhões de propina ao empresário Benjamin Steinbruch, pela montagem

do consórcio vencedor do leilão da Vale. “Não é possível que não venhamos a adotar nenhuma iniciativa para apurar os fatos. O Congresso não pode ficar de braços cruzados”, bradou a senadora. “Isso é crime e dá cadeia.”

Serra estava no Rio ontem e não quis comentar a denúncia do jornal. O coordenador da campanha do senador, Pimenta da Veiga, saiu em defesa do amigo. Ele disse que o candidato “tem conduta moral inatacável”. O presidente Fernando Henrique Cardoso também minimizou o impacto da denúncia. De acordo com o porta-voz da Presidência Alexandre Parola, não há razão para imaginar que a campanha de Serra possa ter sido prejudicada.

Para piorar a situação do candidato tucano, o ex-presidente José Sarney (PMDB-AP), colocou seu time em campo. O vice-líder do PMDB no Senado, Francisco Escórcio (MA), subiu ontem à tribuna para pedir ao partido que só defina o nome do vice na chapa de Serra após as investigações das denúncias pelo Ministério Público Federal. O procurador Luiz Francisco informou que incluirá o caso entre as denúncias que vem investigando, relacionadas a Ricardo Sérgio.



Ricardo Sérgio dirigia o Banco



Heloísa Helena quer ouvir Serra